



## XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

### RESUMOS

Messias Tadeu Capistrano dos Santos  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

#### Arte, visualidade e poder: os alvos de Harun Farocki

A partir da análise de filmes de Harun Farocki, o objetivo do trabalho é examinar as relações entre arte, visualidade e poder através das transformações da imagem técnica na contemporaneidade e dos novos sentidos para os termos observador e representação.

Diante dessa questão, comparece toda experiência de Farocki, que desde o final dos anos sessenta vem formalizando o núcleo temático de sua obra: o estatuto político do olhar e da imagem diante de novos aparatos de visualização, formas de espetáculo, corporações empresariais, espaços de consumo e outras instituições de poder. Farocki não tenta desvelar as engrenagens dessas instâncias através das formas tradicionais do cinema – as experimentações estéticas de seus filmes e instalações “sabotam” a própria representação das imagens e seus modos de produção, circulação e recepção, para devolvê-las aos olhos de seus observadores e denunciar as estratégias (bio)políticas que perpassam as atuais indústrias do visível.

Para essa análise, o trabalho parte da hipótese de que certas vertentes dos estudos da imagem baseadas no modelo da identificação, ou “olhar-sujeito”, e no modelo óptico como forma dominante têm sido reformuladas com o advento de novas tecnologias e regimes de percepção. Neste contexto é possível detectar a emergência de um novo tipo de espectador, junto com o surgimento de formas inéditas de organização corporal edificadas sob a égide da equação “cérebro-sujeito”, presente nos discursos das neurociências, e com a crescente crise da crença na “interioridade psicológica”, que constituía o eixo dos processos de subjetivação modernos.

Tomando essas questões como ponto de partida, examinaremos como a obra de Harun Farocki, notadamente nos filmes *Como se vê*, *Doutrimaneto*, *Indústria e fotografia* e *Videogramas de uma revolução*, tem se organizado como reação às novas formas de saberes e poderes disseminadas em instituições tecnocientíficas, formas de governo, sistemas de controle e vigilância, e novos dispositivos de imagens. Por meio deste quadro teórico e analítico, a meta principal do trabalho é pensar experimentações no campo das artes visuais que são inseparáveis de práticas políticas e de resistência ao que Guy Debord proclamou como “sociedade do espetáculo” nos anos sessenta, e ao que Gilles Deleuze detectou como “sociedade de controle” na aurora da globalização.